



O Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna (PPPLE): didatização de vozes e culturas

Eliane Vitorino de Moura Oliveira¹

eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br

RESUMO:

O ensino de Português língua estrangeira (PLE) tem se valido de expedientes vários para ampliar as competências interativas de pessoas de outras línguas-culturas, estando, entre eles, o uso dos mais diferentes recursos didáticos. Neste trabalho, analisamos o papel das unidades didáticas disponíveis no Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE) para tal ampliação. Como base em Almeida Filho, Furtoso, Mendes, Schneider, entre outros, os resultados apontam para a eficiência das UD's do PPPLE para a interculturalidade, mas mostram, no entanto, que algumas delas não se enquadram na proposta de ensino baseado no uso prevista pelo Portal.

PALAVRA-

CHAVE:

Material didático;
Português Língua Estrangeira;
PPPLE.

¹ Possui graduação em Letras Licenciatura/Habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Londrina (2007), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (2009), Mestrado (2011) e Doutorado (2015) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisa de Pós-doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da FALE/UFAL. Atualmente, é professora na Universidade Federal de Alagoas, Curso de Letras, Campus Arapiraca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0698-3795>

1 Introdução

A busca por um ensino que oportunize aprendizagem concreta acompanha professores e professoras de todas as áreas em diferentes campos do saber. Escolher uma metodologia efetiva, um recurso didático que facilite a mediação professor x conhecimento x aluno, uma abordagem que condiga com bases teóricas e metodológicas, extrapola o escopo do ensino, constituindo um campo farto para pesquisas, que são produtivas também nos estudos da linguagem, sobretudo no campo da Linguística Aplicada (LA).

Ainda que, no decorrer do tempo, tenha se firmado como uma ciência interdisciplinar, cujo objeto encerra qualquer "problema real de uso de linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar", nas palavras de Almeida Filho (1991, s/p), as problemáticas do ensino e aprendizagem de línguas – inicialmente estrangeiras e, atualmente, sem distinção, são centrais para a LA.

Neste trabalho, nosso olhar se volta especificamente para o ensino de Português como língua estrangeira (PLE), cuja preocupação tem se ampliado dentro no cenário linguístico em nosso país desde os anos 1990.

Pesquisas de Almeida Filho & Lombello (1992, 1997); Almeida Filho (1995, 1997); Júdice (1997); Silveira (1998); Cunha e Santos (1999), entre outros, vêm, desde a gênese, apresentando recorrente preocupação em oportunizar discussão mais aprofundada, gerando reflexão sobre o ensino da língua portuguesa como não materna, acerca da maneira como a cultura é abordada neste viés, como são produzidos os materiais didáticos, qual sua funcionalidade e efetividade quando se trata, especialmente, de questões culturais.

Em levantamento realizado em livros didáticos específicos para o ensino de PLE disponíveis em 2008, Oliveira e Furtoso (2008, p. 250) observaram serem “raras as oportunidades de discussão ou comparação dos aspectos culturais do Brasil com o país de origem do aluno, e de uma expansão desta comparação para a compreensão da diferença e da diversidade”, uma visão apoiada por Diniz, Stradioti e Scaramucci (2008), ao constatarem que a maioria dos livros didáticos necessitava de revisão para “possibilitar aos alunos desenvolver uma competência intercultural”.

Quase duas décadas depois, é possível depreender que a busca por material didático, que leve professores e alunos a refletir sobre suas identificações culturais, usando expressão de Hall (2006, p. 67), e a olhar para sua cultura e para si mesmo a partir do olhar do outro, vem sendo empreendida de maneira pontual, haja vista a gama de materiais didáticos, incluindo livros, gramáticas, dicionários, aplicativos,

vídeos, áudios, entre outros, à disposição de professores e alunos para ensino e aprendizagem de PLE com o entendimento de língua e cultura como unas.

Além disso, frutos de pesquisas materializadas em dissertações, teses e outras publicações acadêmicas trazem sugestões de atividades, roteiros e sequências didáticas, oferecendo possibilidades que, com as adaptações cabíveis, pode servir a professores e professoras de PLE. Entre essas, o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna (PPPLE) se apresenta como um dos mais produtivas.

A discussão que trazemos descreve a experiência com o PPLLE, baseada no trabalho com duas turmas de não falantes de Português na Universidade Federal de Alagoas, no âmbito da Rede ISF, no segundo semestre de 2020.

2 Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Não Materna

Pensado originalmente em 2010, mas efetivamente colocado em prática no ano de 2014, o PPPLE é, como se lê no próprio portal, “uma plataforma on-line, que tem como objetivo central oferecer à comunidade de professores e interessados em geral, recursos e materiais para o ensino e a aprendizagem do português como língua estrangeira / língua não materna”. Nele, há UD’s feitas por equipes de países cuja língua oficial é o português.

Institucionalmente, em 2010 foi formulado o Plano de ação de Brasília para promoção, difusão e projeção da Língua Portuguesa (PAB), durante a I Conferência internacional sobre o futuro do Português no sistema mundial, por meio do qual foi dada ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) a delegação de criar uma plataforma digital comum aos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), relacionada ao ensino de Português. Para realizar tal incumbência, o IILP e a Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLÉ) estabeleceram um acordo de cooperação técnica para a formação de equipes de trabalho, resultando no Portal que temos hoje.

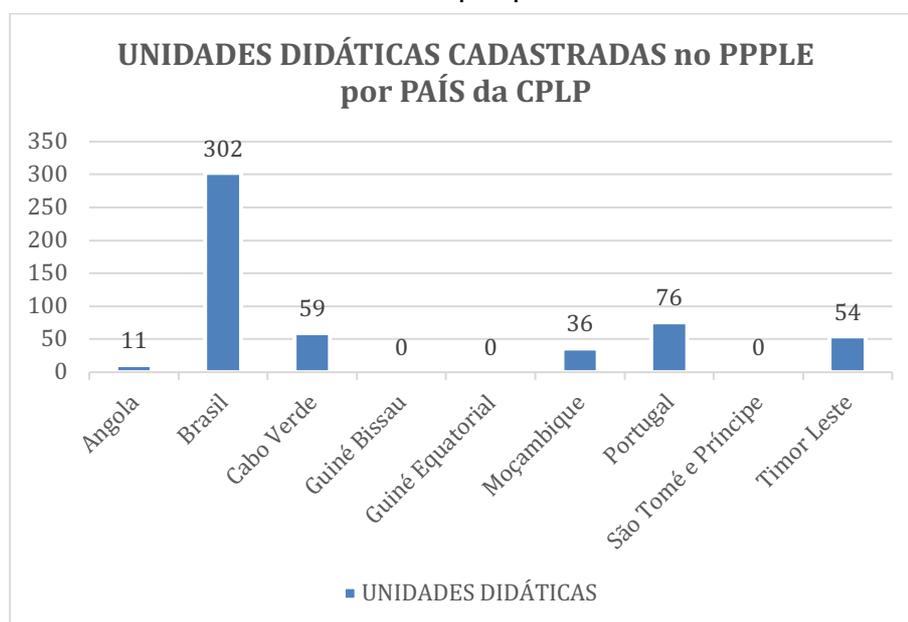
No próprio PPPLE (2013), sabemos que

O PPPLE promove a cooperação entre os países membros da CPLP, abrindo uma frente de trabalho e de negociação permanente que pode incrementar o número e a qualidade de ações comuns na área, bem como para o reforço da participação dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste na produção de recursos didáticos e outras iniciativas de ensino de PLE.

O interesse por esse material se dá pelo alinhamento de suas bases com nossa percepção de língua, de cultura e de ensino e porque tem servido, em nosso entendimento, para a abertura de um “olhar intercultural” entre os aprendentes de português, língua pluricêntrica que atende a tantos falantes e abarca tantas culturas. O Portal já conta com UD's formuladas por equipes do Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Timor Leste. Não há ainda UD's de Guiné Bissau e de São Tomé e Príncipe² cadastradas.

O gráfico, a seguir, mostra, em números, a contribuição dos países da CPLP para o PPPLE:

Gráfico 1 – UD's por país da CPLP



Fonte própria (2021)

No PPPLE, a língua é entendida como uma atividade social, indissociável da cultura, já que, como prevê Mendes (2018), uma não está dentro da outra, mas uma é a outra. Fenômenos linguísticos e culturais estão entrelaçados, visto que, quando se aprende uma língua, não é apenas a estrutura que é adquirida, mas o modo de ser e de estar no mundo.

Dessa forma, o ensino-aprendizagem de Português no PPPLE é conduzido para além da simples menção a formas e regras, pois se trata de “um modo de ser e

² Em 2014, com a coordenação pedagógica do Leitorado Brasileiro na USTP, sob minha condução entre 2014 e 2017, foi formada uma equipe, composta por professoras e professores do Curso Licenciatura em Língua Portuguesa Universidade de São Tomé e Príncipe, para a elaboração de atividades a serem disponibilizadas. Embora tenhamos elaborado UD's, entre julho e agosto de 2014, e termos contado com o apoio do IILP, sobretudo de seu presidente à época, Gilvan Muller de Oliveira, e do Reitor da USTP naquele período, Prof. Peregrino Costa, estas UD's não saíram do papel, permanecendo inéditas e em poder da Coordenadora do Curso Licenciatura em Língua Portuguesa, Prof. Beatriz Castro Afonso.

viver através da linguagem” (PPPLE, 2013), por isso, as UDs nele disponibilizadas³, sobretudo as elaboradas pelas equipes brasileiras, agenciam questionamentos que podem levar, tanto quem ensina quanto quem aprende, a refletir sobre costumes e crenças, oportunizando, aos alunos e aos professores, a construção de imagens de si a partir do outro.

Convém frisar que, basicamente, ao aprendermos uma língua estrangeira, estamos adquirindo uma nova língua. Na aprendizagem de Português Língua Materna (PLM), capacitamo-nos em uma outra variedade de nossa língua de afeto, geralmente alcançando a norma culta daquela que é nossa língua materna, a norma do ambiente em que a adquirimos, uma vez que, de acordo como Faraco (2008), o que há são “normas cultas”.

Como define Almeida Filho (2001, p. 9),

ensinar L1 [língua materna] poderá ser concebido como ensinar a reconhecer-se numa variante (valorizando-a) e, se possível, incentivar e apoiar que o aluno transite por mais variantes e, principalmente, que desenvolva suas capacidades na variante em que se expressa incorporando nela traços de uma variante padrão de prestígio que eleja em estilos e níveis de formalidade diversos.

O ensino de uma língua estrangeira, no entanto, promove um novo olhar para nós mesmos, pois amplia nossos horizontes, levando-nos à busca de traços que nos definem não apenas noutra variedade de nossa língua-mãe, mas noutra(s) língua(s)-cultura(s).

Dentro dessa especificidade, o caráter plural das línguas deve ser considerado, sobretudo na elaboração de material didático, a fim de que não sejam disseminadas caricaturas e perpetuadas generalizações de uma língua-cultura múltipla, feita de individualidades e identidades complexas, como é o caso do Português. Tendo como norte a língua como um construto social, o PPPLE vem ao encontro dessa necessidade ao oportunizar, como mencionado, novas formas de olhar para o ensino e a aprendizagem dessa língua-cultura variada e complexa que é a língua portuguesa.

Oliveira e Jesus (2018, p. 1045) bem observam que “o sistema de normas de uma língua abrange as diferentes normas que coexistem no espaço social dos falantes daquela língua”, um entendimento ampliado, no caso do Português, apenas no início do século XXI, quando a gestão bicêntrica Brasil-Portugal se abriu aos demais espaços na normatização da língua portuguesa, desmitificando-a e afirmando-a como pluricêntrica.

De acordo com Mendes (2016, p. 294),

³ As UDs estão disponíveis para acesso de todos, basta um cadastro simples em www.ppple.org

as línguas pluricêntricas caracterizam-se por apresentar mais de um centro de referência, de onde emanam variadas normas linguísticas, nem sempre coincidentes do ponto de vista de seus usos. As normas variam internamente, porque apresentam diferenças dentro de uma mesma variedade de uso, e também variam externamente, como é o caso de normas que diferem entre países e regiões.

O caráter pluricêntrico é confirmado, consoante e Sollai e Parma (2018, p. 238), quando se percebe que “diversos grandes blocos têm, na língua portuguesa, suas unidades identitárias, formando conseqüentemente vários consórcios de políticas institucionais entre essas unidades”, como a própria constituição da Comunidade de Países de Língua Portuguesa - CPLP. Tal qualidade de nossa língua é relevante, pois é porta para práticas linguísticas mais justas ao dar voz a todas as variedades do português, oportunizando interações equânimes e, com isso, favorecendo a interculturalidade, conforme vemos a seguir.

3 Procedimentos de pesquisa

Toda a discussão apresentada aqui foi possível a partir das buscas feitas no PPPL para a organização de aulas a serem ministradas em um curso de extensão oferecido no âmbito grupo de pesquisa DALLT, do Curso de Letras Língua Portuguesa/Campus Arapiraca-Universidade Federal de Alagoas, a alunos de outras línguas-culturas radicados em Alagoas.

O curso atendeu a sete alunos, sendo três em uma turma do matutino e quatro em uma turma noturna. Nas aulas da manhã, os alunos se enquadraram em um nível básico de proficiência e foram atendidos por quatro alunas-professoras. No noturno, os estrangeiros tinham maior capacidade interativa em Português, e contaram com a mediação de três alunos-professores.

O curso foi organizado a partir de discussões teóricas empreendidas no grupo, entre a professora coordenadora e os sete alunos-professores, todos regularmente matriculados na disciplina eletiva “Português para estrangeiros: ensinando a ensinar”. As reuniões serviram para, inicialmente, preparar as aulas, momento em que aconteceu a escolha das UD's, e, posteriormente, para discussões sobre a efetividade da aula dada, quando se deram as análises destas unidades.

A busca por unidades didáticas compatíveis com os objetivos das aulas propostas oportunizou momentos muito ricos, pelos quais foi possível conhecer as UD's de maneira aprofundada. Cada integrante do grupo escolhia uma unidade, a partir de um tema e um objetivo proposto, e apresentava aos demais. Ao final, era escolhida a considerada mais apropriada à aula proposta.

Consideramos analisar cerca de 15% das UD's disponibilizadas por cada país, a fim de ter um número igualitário, visto haver disparidade de oferta entre os países, como vimos no gráfico 1, ajustando esse montante de modo a que resultasse em número igual de UD's destinadas aos três níveis de proficiência, com exceção de Angola, que não disponibilizou UD's para o nível avançado. Com isso, a quantidade de amostras ficou assim definida:

Quadro 1 – Amostra de UD's por país

PAÍS	NÚMERO DE UD's ANALISADAS	QUANTIDADE POR NÍVEL
Angola	2	1 ⁴
Brasil	45	15
Cabo Verde	9	3
Moçambique	6	2
Portugal	12	4
Timor Leste	9	3
TOTAL	83	27

Fonte própria (2021)

Ainda como critério de análise, ao considerarmos as relações estabelecidas quanto às temáticas interculturais, tomamos como base a UD como um todo, ou seja, investigamos todas as suas seções⁵. Em relação ao ensino contextualizado, focamos no bloco de atividades e/ou na atividade de avaliação.

Nas próximas seções, apresentamos os resultados e as discussões.

4 PPPLE e a abordagem intercultural

Carvalho-Batista e Alarcón (2012, p. 67) atestam que o professor de PLE “está incluído numa categoria ampla de ensinador da língua portuguesa para quem pertence a outros espaços de língua e que deseja conviver também no espaço da macro língua-cultura portuguesa”, sem deixar nunca de ter em mente que “ensinar línguas é ensinar o social, o humano, o político, o histórico, o geográfico e o

⁴ Uma do nível básico e outra do nível intermediário, por não haver UD's do nível avançado.

⁵ A saber, as UD's do PPPLE são compostas por 8 seções: título; situação de uso; marcadores; expectativas de aprendizagem; atividade de preparação; bloco de atividades; extensão da unidade e atividade de avaliação.

econômico de um povo, compreendendo sua cultura, sua identidade, sua diversidade [...]”.

Desde os anos 70, tornar um indivíduo competente comunicativamente é a meta quando se ensina uma língua estrangeira, mas as identidades cada vez mais fluidas que circulam no atual mundo globalizado exigem mais. Há que haver ampliação para a aptidão de empregar formas e de adotar comportamentos e atitudes linguísticas reconhecíveis pelo interlocutor, e é nesse sentido que Schneider (2010, p. 73) assevera que a competência comunicativa implica interculturalidade, já que, de acordo com a autora, para que haja uma efetiva competência comunicativa é necessário “o (re)conhecimento e o respeito pelas diferenças interculturais presentes nos comportamentos sociolinguísticos, nas concepções e atitudes, bem como nos valores socioculturais acordados pelas sociedades das culturas em contato.”

As 83 UD's analisadas contribuem para essa ampliação, conforme constatamos na investigação, pois apresentam traços culturais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Timor Leste, ou seja, expõem as marcas próprias desses espaços diversos em que a língua portuguesa se materializa, descortinando as identidades linguísticas que por eles circulam. Unidades como “Na Bossa”, do Brasil; “Um músico angolano”, de Angola; “Sodad – Morna”, de Cabo Verde; “Dançando ao som do tambor”, de Moçambique; “Música portuguesa”, de Portugal e “Danças e cantos tradicionais timorenses” podem formar um roteiro didático, por exemplo, em que a música seja um condutor para a reflexão sobre a língua-cultura do outro, garantindo o respeito aludido por Schneider (2010).

Ao oportunizar o arranjo de roteiros didáticos a partir das UD's ou ao abrir a possibilidade de escolha para o professor ou ao aluno que deseja estudar de forma autônoma, o PPPLE favorece uma reflexão mais profunda sobre diversidade, pluralidade e, assim, um discernimento intercultural. O ensino-aprendizagem de PLE passa, com isso, a levar em conta as vivências e as experiências dos sujeitos que estão se constituindo pela língua e pela cultura com as quais estão tendo contato. Há a promoção da empatia, do entendimento da cultura do outro como fator de identidade, de forma altruísta, favorecendo a alteridade.

As UD's disponibilizadas possibilitam aos estudantes enxergar o outro por meio de seus costumes, o que os leva a entender que, para aprender uma língua, é imperativo superar descrenças iniciais sobre outras culturas e “reolhar” a própria cultura, isto é, abrir-se para o novo e relativizar crenças e comportamentos. Com isso, é assumida uma visão intercultural, em que os próprios valores deixam de ser vistos como os únicos admissíveis e naturalmente corretos, e se faz possível uma troca de lugares entre seres de línguas e culturas diferentes.

Unidades didáticas como “Caminho de Ferro de Benguela”, de Angola; “Onde é o melhor carnaval do Brasil”; “A maior cachupa do mundo”, de Cabo Verde; “O valor da capulana em Moçambique”; “Jogos tradicionais portugueses” e “Trajes tradicionais de Timor Leste” podem servir para ampliar as visões primárias sobre determinadas culturas, visões essas baseadas em estereótipos, na acepção de Amossy (2008), ou seja, representações culturais preexistentes que resultam em avaliações negativas de sujeitos por sua língua e sua cultura, entendendo-as como caricatas e, por isso, vendo-as como inferiores.

Unidades como essas, além de outras como “Vamos brincar”, de Cabo Verde, “Um poema: um sentimento”, de Angola, “Poema e lenda timorenses”, de Timor Leste, “Biografias e autobiografias”, de Portugal, “O tempo passa”, do Brasil, que oportunizam aos aprendentes conhecer a língua pelo olhar da poesia, do conto, das lendas, ou seja, da literatura, certificam como significativo é o papel do PPPLE como repositório de instrumentos passíveis de uso para a ampliação do espaço de tensão que é a sala de aula de PLE, este local de interações e de construção de conhecimentos a partir de esferas e de experiências distintas, pois, ao se construírem distintamente por equipes dos países da CPLP, as UD's não condescendem com a simplificação cultural comum em alguns materiais didáticos. É a visão do pluricentrismo do Português sendo valorizada, também.

Positiva também é a existência de mais de uma equipe no Brasil. Ao contar com três grupos, um radicado no Nordeste, outro no Sul e outro no Sudeste do país⁶, as generalizações redutoras são minimizadas já na elaboração, o que é necessário e bem vindo, conquanto a metonímia não seja bem vinda quando se trata de cultura: pensar um país imenso, como o Brasil, por exemplo, apenas pela perspectiva do samba, do carnaval e da caipirinha é minimizar e, até mesmo, destituir identidades. Embora esse estereótipo não seja ofensivo, ele nega as individualidades, a heterogeneidade e cria uma falsa impressão de culturas homogêneas, o que é minorado pela pluralidade de elaboradores, de partes diversas do país.

Um pouco lacunar, no entanto, é a possibilidade de levar os aprendentes a reconhecerem que os países apresentam variedades regionais e sociais muito particulares. Embora haja UD's que tragam, na descrição, o marcador “diversidade linguística”, e ainda que seja possível a organização de roteiros didáticos no PPPLE, dependerá muito do interesse do professor em pesquisar quais UD's poderiam vir a compor um roteiro heterogêneo quanto à variação linguística produtiva em cada membro da CPLP. Para isso, ele precisará, além desta busca direcionada, entender a variabilidade linguística dos países que disponibilizam as UD's. No caso específico do

⁶ As atividades de elaboração das unidades didáticas, no Brasil, foram/são coordenadas por pesquisadoras da UFBA, Edeleise Mendes; da UNICAMP, Matilde Scaramucci, e da UEL, Viviane Furtoso.

Brasil, talvez a explicitação da região em que foi elaborada a UD tornasse isso mais factível, o que possibilitaria o entendimento, pelos alunos, de que há várias formas de dizer a mesma coisa e que todas são legítimas.

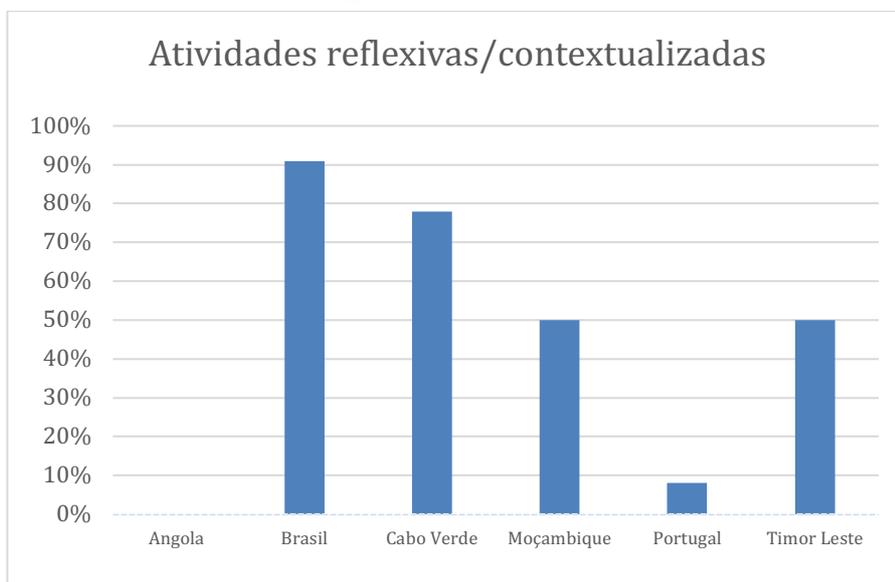
O Portal não possibilita, explicitamente, que tal discussão seja empreendida, mas isso não o invalida nem diminui sua relevância. O PPPLE é aberto a receber UDs de interessados em colaborar; portanto, qualquer um de nós pode colocar a “cara sociolinguística” do brasileiro e da brasileira, usando termo de Faraco (2008), nesta importante janela que é o PPPLE.

5 O PPPLE e o ensino contextualizado

O ensino de uma língua estrangeira, para que aconteça funcional e contextualizadamente, deve partir de atividades com base no uso da língua e que promovam reflexão sobre a língua, tendo em vista sua possibilidade comunicativo-interacional.

A análise em 83 UDs presentes no PPPLE mostra que algumas equipes nacionais de elaboradores não compactuam com a mesma base apresentada pelo Portal, como é o caso de Angola e Portugal, por exemplo, e como vemos no gráfico 2:

Gráfico 2 – Porcentagem de atividades reflexivas por país



Fonte própria (2021)

Schneider (2010) lembra que a abordagem intercultural foca na recepção e na compreensão da cultura da língua alvo, trabalhando com base nos textos concretos, o que promove o interesse sobre as formas de ver, entender e viver o mundo, bem

como a reconhecer os valores e as percepções do outro e, a partir disso, entender sua cultura.

Ainda que o PPPLE não traga, de forma explícita, o trabalho com gêneros textuais/discursivos, ou seja, não é possível apreender a centralidade do gênero que é vista nas bases do exame Celpe-Bras, uma grande parte das UD's não só traz como material didático para as atividades textos materializados em gêneros textuais/discursivos de circulação real – os chamados textos autênticos –, como também solicita a elaboração de tarefas, sobretudo como avaliação final, em que os gêneros se fazem presentes.

As UD's do Brasil, em sua maioria, têm essa perspectiva, como vemos na UD “Vou comer um lanche”, que trabalha com cardápio/folder de propaganda; resenha de filme, em “Vocês têm wifi?”; cartaz em “Quem quer adotar um cãozinho?”; vídeos, em “Onde é o melhor carnaval do Brasil?”, além de outras, como a UD “Meu sapato já furou”, em que todas as seções trazem gêneros.

Neste exemplo, as atividades partem de encartes de lojas de sapatos; na seção “extensão da unidade”, pede-se um tuíte e, na tarefa final, a escrita de um e-mail. Não obstante, as UD's de Cabo Verde também vão nesse sentido com UD's como “O dançar das ilhas”, na qual se solicita aos aprendentes que escrevam um texto num site de turismo para divulgar as danças típicas do país, ou seja, que produzam o gênero “comentário” em uma rede social.

Entretanto, é ainda observável a escrita sem objetivos claros, como vemos em UD's de Timor Leste, em que, no Bloco de Atividades, a instrução apenas traz “Escolha um dos temas abaixo indicados e redija uma composição no mínimo de 15 (quinze) linhas”, e, na avaliação final, simplesmente pede um texto resumindo a aula. Tal realidade é vista, também, em UD's apresentadas por Angola e Portugal.

Em relação às UD's de Angola, constatamos que as duas unidades analisadas destoam do objetivo do Portal. A UD “Receção de colega no aeroporto” solicita, no bloco de atividades, a leitura de um texto didatizado, ou seja, um texto não-autêntico, e a resposta a perguntas que abrangem apenas a superficialidade do texto, além de outras atividades mecânicas de ligar pontos. Já a atividade de avaliação solicita, unicamente, a escrita por extenso de horários nos quais são realizadas atividades cotidianas dos aprendentes.

Mesmo sendo uma atividade para o nível básico, seria possível trazer exercícios mais reflexivos, que atendessem o previsto pelo PPPLE quando entende que “ao se envolverem em uma interação, tanto escrita quanto oral, as pessoas o fazem para agir no mundo social, em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas (PPPLE, 2013).

O mesmo acontece com Portugal. Apenas uma das UD's analisadas apresentou atividades passíveis de reflexão sobre o uso da língua, que oportunizassem ao

aprendente relacionar os conteúdos à sua vida cotidiana, de modo a fazer sentido tal aprendizagem. Atividades de preencher lacunas, construir frases soltas, responder questões superficiais estão em UD's para todos os níveis. Essas ações vão de encontro às concepções de língua e de aprendizagem do Portal, já que, como relatam Mendes e Furtoso (2008, p. 25), usar a língua, de maneira ampla, inclusive ao aprendê-la, “inclui as ações realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como atores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente de competências linguístico-comunicativas”.

Em relação à produção textual, as atividades elaboradas pelas equipes portuguesas não determinam as situações de uso ou não preveem o gênero a ser utilizado, sugerindo que se escrevam “pequenos textos”, como na UD's “expressões idiomáticas”, em que a avaliação final traz o enunciado “Escreva um pequeno texto cujo título seja: Queimar as pestanas afinal já não compensa... ou A sorte de não viver com a corda ao pescoço”. Pede, ainda, como na UD “Vida cotidiana”, que o aprendente redija um texto descrevendo seu cotidiano, determinando-o a usar advérbios e verbos selecionados pelos elaboradores.

Atividades como essas não se alinham ao que o PPPLE propõe, pois, como se vê no Portal, as UD's devem levar os alunos a construírem os sentidos dialogicamente, ou seja, “pensando sempre em uma aprendizagem contextualizada, pois a mesma estrutura linguística pode contribuir para atingir diferentes propósitos de comunicação” (PPPLE, 2013).

Pesquisas novas poderão ampliar o que foi aqui apresentado, pois outros olhares sempre são necessários e produtivos. Com o corpus que selecionamos, podemos dizer que, em sua maioria, as UD's são instrumentos eficientes para auxiliar alunos a aprenderem e professores a ensinarem o Português reconhecendo-o como uma língua plural e variada. No entanto, há que se atentar para UD's que não vêm proporcionando a valorização de “normas objetivas não-sistematizadas de forma tradicional”, como declaram Mendes e Furtoso (2018, p. 21).

6 Palavras finais

Neste artigo, mostramos que o uso de UD's disponíveis no PPPLE pode ser uma chave para abrir o “olho intercultural” dos alunos de PLE, por ser instrumento didático capaz de promover um espaço para a reflexão contínua, o que pode levar os alunos a pensarem na sua própria cultura por meio de outra, resultando em empatia e alteridade.

Com o PPPLE, generalizações podem ser desconstruídas, uma vez que há UD's que apresentam visões de mundo e traços culturais de comunidades cuja

conformidade única é a língua. Por meio delas, é possível fazer o aprendente de PLE olhar pelo olhar do outro e, sendo ele mesmo, mas imbuindo-se do que recebeu do outro, construir-se e solidificar-se como ser do mundo – no mundo.

Concluimos, portanto, que, no que tange ao trabalho intercultural, as UD's de todos os países foram produtivas, pois, de fato, permitem que haja o diálogo cultural previsto no PPPLE, o que não acontece, no entanto, quanto aos “princípios contemporâneos que orientam o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras” já que atividades de alguns países não trazem as “inovações nos modos de se conceber a língua e o seu ensino” (PPPLE, 2013) pois não apresentam um ensino contextualizado, mas, sim, aliam-se a práticas tradicionais. Seria importante, então, uma revisão sistemática em UD's de Angola e de Portugal, de modo a se enquadrarem ao que propaga o PPPLE, ou seja, serem materiais que oportunizem um aprendizado de um construto social, de uma língua em uso plural e variada.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Português para estrangeiros: interface com o Espanhol**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. D. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

CARVALHO-BATISTA, M.; ALARCÓN, G. L. Especificidades do Ensino de PLE. **Revista da SIPLÉ**. Brasília. Maio de 2012. Ano 3. N. 1.

CANEN, A. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. In: LOPES, A. R. C.; MACEDO, E. (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 174-195.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. In: **EntreLínguas**, Araraquara, v.1, n.2, p.203-221, jul./dez. 2015. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8060>

MENDES, E. Pluricentrismo linguístico, ensino e produção de materiais de Português LE no PPPE. In: ALVAREZ, M. L. O. GONÇALVES, L. (Orgs.). **O Mundo do Português e o Português no mundo afora: especificidades, implicações e ações**. Campinas: Pontes, 2016, p. 293-310.

MENDES, E.; FURTOSO, V. B. Orientações do PPPE para a produção de materiais e recursos didáticos: uma perspectiva plural para aprender, avaliar e ensinar em PLE/PLNM. In: MENDES, E.; FURTOSO, V. B. (org.) **Platô**. Revista do Instituto Internacional de Língua Portuguesa. Instituto Internacional de Língua Portuguesa. (IILP) – V.4, N.7. Cidade da Praia, Cabo Verde: Editora do IILP, 2018.

MENDES, E.; CASTRO, M. L. S. (Org.) **Saberes em português: ensino e formação docente**. Campinas/SP: Pontes, 2008. P. 57-77.

NIEDERAUER, M. E. F. Estranhamentos culturais em sala de aula de português para estrangeiros. In: SANTOS, P.; ALVAREZ, M. L. O. (Orgs.) **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 101-121.

AUTORA. Ensino intercultural de Português Língua Estrangeira. In: SILVA JUNIOR, A. F. **Conversas sobre ensino de línguas durante a pandemia**. (Rio de Janeiro: Pimenta Cultural – no prelo)

AUTORA; FURTOSO, V. B. Buscando critérios para avaliação de livros didáticos: uma experiência no contexto de formação de professores de português para falantes de outras línguas. In: DIAS, R.; CRISTÓVÃO, V.L.L. **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

OLIVEIRA, G. M.; JESUS, P. C. S. G. Ensinando línguas em uma perspectiva pluricêntrica: o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPE). **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 12, n. 2, abr. – jun. 2018. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem> Acesso em 03. Dezembro.2020

PPPE. Portal do Professor de Português como Língua Estrangeira. 2013. Disponível em: <http://www.ppple.org/>. Acesso em 11 de outubro de 2017.

SCHNEIDER, M. N. Abordagens de ensino e aprendizagem de línguas: comunicativa e intercultural. *Revista Contingentia*, Vol. 5, No. 1, maio 2010, 68–75.

SOLLAI, S.; PARMA, A. As línguas portuguesas do mundo: Representações pluricêntricas de Português Língua Estrangeira (PLE) numa amostra de material didático. *Hispania*, Volume 101, Number 2, June 2018, pp. 237-248 (Article). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/325679430_As_linguas_portuguesas_do_mundo_Representacoes_pluricentricas_de_Portugues_Lingua_Estrangeira_PLE_nu_ma_amostra_de_material_didatico. Acesso em 29.Novembro.2020.



CHAMADA

TEMÁTICA

Revista
Diálogos
(RevDia)

Portal do Professor de Português Língua Estrangeira / Língua Não Materna (PPPLE): voices and cultures in teach

ABSTRACT:

Classes of Portuguese as a foreign language has been valid of various expedients, included varied didactics resources, to spread the interactive competences of people of different language and culture. In this paper, we show the didactics unities available in Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE), how an adequate use in Portuguese classes because they help to create empathy and alterity needed to live in society. However, some UDs developed still do not fit the concept of teaching proposed by the PPPLE. Our bases are in Almeida Filho, Furtoso, Mendes, Schneider, and others.

KEYWORDS:

PPPLE;

Portuguese as a foreign
language;

PLE;